

LITTERATURA.

REVISTA DOS DOIS MUNDOS.

Huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado

© Brasil em 1844.

PRIMEIRO ARTIGO.

O VIAJOR que por brilhar com o pico da satyra, entrega ao escarneo da Europa inteira a nação que o hospedou, commetter hum delicto de lesa-moral, procura separar a sua nação do pensamento dominante da época, a fraternidade dos povos; e prepara grandes empecos para seus successores, levantando inadvertidamente huma barreira que embaraça os mais nobres movimentos. Esta postergação da doutrina da mais alta das propagandas conquista hum sem numero de antipathias aos seus compatriotas, transtorna as ideias, priva-os de immensos recursos, tece-lhes huma especie de isolamento, e os sujeita a hum rancor injusto, que só tem por base o procedimento ingrato de alguns de seus predecessores.

Com profunda magoa vimos n'hum periodico da França, a *Revista dos Dois Mundos*, geralmente lido na Europa, o artigo do Sr. Chavagnes acerca do imperio do Brasil, e movido não só pelo dever sagrado de cidadão brasileiro, como pelos rogos de muitos amigos, nos animamos a refutar muitas de suas asserções, a restabelecer alguns factos, e a comprovar com os escriptos de abalisados escriptores da nação franceza, que alguns procederes nossos são filhos dos desvios dos proprios viajantes, e hum justo ressentimento da exaggeração de nossos defeitos.

O imperio do Brasil acabou ha pouco de estreitar os laços d'amizade que tinha com a França de huma maneira solemne pelo consorcio da serenissima Sra. princeza D. Francisca com o Sr. principe de Joinville, e de dar, com esta illustre união mais hum florão de gloria á casa d'Orleans. Laços tão sagrados devem-se manter por huma reciprocidade de mutuos affectos: he licito mesmo que os filhos

da grande nação, aquelles que se presam de litteratos, nos guiem antes ao caminho da perfeição, nos levantem do nivel em que nos achamos, e não nos colloquem, como os Srs. Jacquemont e Chavagnes, no pelourinho da infancia; procurando transformar em quadros ridiculos muitas acções nobres e perdidas hoje na Europa no meio desse turbilhão do egoismo, onde impera a civilisação.

O viajor que affirmar que os Brasileiros não conhecem o estado do seu paiz he hum tresloucado sonhador; a rasoura da sua critica passa sobre hum mal fundado receio, combate hum phantasma gerado por sua propria imaginação, e cahe n'hum dos erros mais graves, o de dar ideias falsas a seus concidadãos. Taes tem sido os Srs. Victor Jacquemont, Arago, Arsenne, Chavagnes e outros.

O longo artigo, que este ultimo estampou na *Revista dos Dois Mundos* entra no catalogo dessas obras inqualificaveis, onde o rancor e o despeito trasbordam os diques da moral e da boa educação: e de certo não he huma bella amostra da nação tão conhecida por sua urbanidade e delicadeza. Os Francezes que habitam o imperio devem, como nós, sentir profundamente estes desvarios de alguns de seus compatriotas; porque nem todas as intelligencias do paiz sabem distinguir e generalisar competentemente: semelhantes casos repetidos collocam os nacionaes em huma grande desconfiança, que pôde mui bem degenerar em odio, o que daria hum funesto resultado para os dois povos; e não he justo que soffra o pacifico e util industrioso por causa do inconsiderado viajante. Ouçamos o Sr. Chavagnes.

« Não he facil adquirir hum conhecimento exacto e completo do estado do Brasil. Para estudar o paiz e os habitantes não basta huma demora, inda que prolongada, nas principaes cidades: he preciso entranhar-se no interior, nos lugares onde não penetrou a influencia europea se não por metade; he lá que se aprende a conhecer a população, he lá tambem que se encontram os diversos e numerosos obstaculos que impedem neste imperio o desenvolvimento da prosperidade material e da civilisação. »

« Tinha resolvido, sahindo do Rio da Prata para o Rio de Janeiro, de não recuar diante de algumas difficuldades que apresenta huma viagem ao interior do paiz. Por tal preço sómente poderia completar as noções colhidas no Rio de Janeiro sobre a situação do paiz. O amor proprio dos Brasileiros não contribuia pouco a excitar a minha curiosidade. A acreditar-os, seria o Brasil o ponto central da civilisação na America do Sul; e que chegará hum dia em que poderá rivalisar com os Estados Unidos, e servir de modelo a todos os povos da America meridional. Sem duvida o Brasil tem grandes recursos, a terra só pede produzir; mas o papel que desejaria representar esta raça portugueza degenerada está elle na medida de suas forças? Esta questão que o viajante, que desembarca no Rio de Janeiro, propõe a si mesmo, bem depressa a resolve em hum sentido muito contrario ao dos sonhos do orgulho brasileiro. »

Rogamos aos nossos leitores que observem as contradicções em que a cada passo cahe o Sr. Chavagnes, e o ar *tranchant* com que este *illustre* observador resolve gravissimas questões; e a seguridade com que falla de nossos sonhos, que alias são muito louvaveis; tudo isto de galope, e sem entender a lingua do paiz como veremos. Depois de embarcar-se na fragata *Gloria* em novembro de 1842, diz o Sr. Chavagnes que aceitou esta offerta do almirante Massieu de Clerval por ter a *vantagem de viajar de huma maneira mais rapida, mais commoda que nos paquetes inglezes!!!*

Ainda ha muita gente capaz de acreditar tudo isto.

« Depois de huma feliz viagem de menos de oito dias chegamos á entrada da bahia do Rio de Janeiro. Tive largo tempo para contemplar o estranho aspecto das montanhas que circulam esta bahia, e sobre tudo o *Corcovado* (*Corcovado*), cuja cimeira fórma o perfil de huma cabeça humana: ventos contrarios nos detiveram perto de tres dias á vista destes picos recortados de huma maneira estranha. Finalmente ao pôr do sol pudemos dobrar as fortalezas situadas aos lados de hum canal estreito; cuja entrada a viração que sopra todos os dias, durante o calor, facilita. »

« A bahia do Rio de Janeiro, apenas illuminada pelos ultimos raios do sol, não produziu sobre mim a impressão que cuidava sentir. Esta bahia he tão vasta que o olho não pôde abraçar sua extensão; fica-se indeciso diante de quadros tão diversos, e que em vão se procura grupal-os em derredor de hum ponto central; não he senão quasi á entrada que se abrange o todo da paisagem. »

He conhecido que no mundo ha quatro cidades que extasiam os viajantes pelas bellezas de seu aspecto: Constantinopla, Napoles, Lisboa e o Rio de Janeiro. Hum inglez, que viajava para instruir-se, que tinha percorrido as cinco partes do mundo,

ficou tão extasiado quando fundeou aqui, que exclamou de enthusiasmo: « Eis o rei dos portos do universo, circulado do mais sublime espectáculo que meus olhos tem visto. » Vejamos agora como se trahe o Sr. Chavagnes, e como a sua indecisão diante de quadros tão diversos não era mais que enthusiasmo, que elle procura dissimular.

O Sr. Chavagnes e outros de sua estofa são homens capazes de dizer que o porto de Brest he em tudo e por tudo superior ao do Rio de Janeiro, até mais pitoresco.

« O mar, cujas aguas tranquillias se estendem até ao pé das montanhas dos Orgãos, he semeado de lindas ilhas. O Pão d'Assucar, o *Corcovado* (*Corcovado*), dominam hum grupo de pitorescas collinas. Quanto á cidade do Rio, perdida no espaço, será difficil julgar de sua importancia, porque as igrejas da Gloria e de Santa-Thereza são os unicos monumentos que se podem distinguir. »

Nem as torres da Candelaria foram lembradas, ou vistas por este senhor, apesar de sobresahirem tanto acima das casas, assim como os outros campanarios.

« Espantei-me assaz das vexações impostas aos viajantes pela serie de minuciosas formalidades das alfandegas. Surprende-me logo que desembarquei, depois de meio dia, n'hum dia santo, de não encontrar empregado algum que visitasse minha bagage. O barão de Langsdorff, ministro da França, foi menos feliz na sua chegada ao Rio de Janeiro. Desembarcando com a sua carteira debaixo do braço, foi prezo por hum guarda da alfandega que lh'a queria tirar á fôrça. O Sr. Langsdorff resistio; não se ouviram suas observações, e sem a intervenção de alguns brasileiros que explicaram ao guarda a posição do Sr. Langsdorff, os papeis do nosso ministro teriam sido submittidos ao exame de hum agente das alfandegas brasileiras. »

Toda esta historieta prova que o Sr. Chavagnes desembarcou n'huma lancha com bandeira franceza, e que o pequeno embrulho de duas ou tres camizas que trouxera foi logo conhecido pelo guarda; ou que elle nesse momento não estivesse ali: mas como combinar a alfandega sem revista? A bagage de hum viajante francez, que acha mais commodo o beliche de hum navio de guerra do que a camara de hum paquete inglez, deve certamente inundar huma praça!! Quanto á historia do Sr. Langsdorff, toda ella he em abono do guarda e dos habitantes do paiz; todos cumpriram os seus deveres.

Pois hum francez pôde estranhar vexações e minuciosidades de alfandegas em qualquer paiz do mundo? Qual he a nação que fecha os viajantes e viajores n'hum quarto, e os apalpa desde a ponta dos cabellos até as unhas dos pés? Qual he a nação que revista as saias internas, os seios das senhoras que andam em viagem, e que põem mil embaracinhos a cada volume que traz o pobre passageiro,

que não lhe he dado levar de mimo a hum amigo hum crystal da Bohemia, e muitos outros generos de industria de paizes estrangeiros, levando o confisco até aos livros que se compram para instrucção propria, só porque não são impressos em França?! Ainda mesmo que se queira pagar os devidos direitos!

Acaso entre nós hum guarda d'alfandega atira a hum homem como hum caçador a huma fera; ou se o nosso governo tivesse o contracto do sal impediria que hum pobre tirasse hum balde d'agua do mar para temperar a sua panella!

Ora, meu senhor, nem tanta perfeição nem tanto desejo de ridicularisar os outros paizes: hum grande qualidade, povo novo como somos, he a nossa condescendencia e tolerancia.

« Desde a minha chegada ao Rio de Janeiro pude conhecer quantos obstaculos hum viagem ao interior apresentava. Desejando percorrer a provincia de Minas Geraes, a mais importante do Brasil, devia procurar informações precisas. Os ministros, e os homens que me inculcaram como distinctos por sua illustração e posição, nenhum conhecimento tinham dos recursos da provincia. Apenas se pôde obter dos Brasileiros algumas noções, as vezes mesmo incompletas, sobre a localidade que habitam. Jámais encontrareis hum homem d'estado capaz de emittir hum opinião baseada em factos sobre a posição interior das provincias. Tudo se reduz a recorrer aos escriptos dos differentes viajores que exploraram o paiz. »

He grande perspicacia de quem não falla a lingua de hum paiz, ver tudo logo que desembarca. E qualquer homem d'estado da França, d'improviso, pôde fornecer dados a hum forasteiro sobre o estado de qualquer provincia sem recorrer a escriptos e informações? A que ministros foi apresentado o Sr. Chavagnes! Esses ministros e homens de estado não tem nome? Aqui, como na França, precisam-se recomendações, aqui menos, porque somos muito mais accessiveis, e olhamos para os estrangeiros, não com os olhos da Europa, que he como hum mina d'ouro, e como hum ente independente, mas sim como hum pobre industrial que vem procurar o pão que a patria lhe nega, e fazer fortuna para gozar do que nunca gozaria se lá ficasse.

« O Rio de Janeiro, capital do imperio e centro do governo, serve de residencia a todos os postulantes que querem fazer fortuna com os negocios publicos. Alli se encontram todas as personagens que representaram hum papel nas revoluções das provincias e que vem ou pedir o premio de seus serviços ou impor aos ministros, que os temem, suas condições. Relativamente a distrações mundanas, a capital do Brasil offerece poucos recursos ao Europeo. A população repulsa o contacto dos estrangeiros; algumas familias que viveram na Eu-

ropa são as unicas que procuram o contacto dos viajantes, e os acolhem com benevolencia. »

Todas as capitães possiveis são sempre o centro dos postulantes, e nada vemos de extraordinario n'isto, para que seja digno de narração particular. Em quanto aos revolucionarios que vem impor condições ao governo, he huma creação gratuita para rebaixar o Brasil, e se ha nella *un trait d'esprit*, he tão microscopico que não chega á nossa intelligencia. Que distrações mundanas pôcia achar hum forasteiro sem saber a lingua do paiz? Os theatros aqui são sustentados pelos nacionaes, cada hum tem sua reunião em casa e passa agradavelmente a noite entre seus amigos: não he huma religião entre nós o sahir á rua, nem huma das maiores delicias o dançar na rua: as distrações do *badaud*, ainda a alta civilisação não transportou para cá. A população que repulsa o contacto dos estrangeiros aqui, fará o contrario mais adiante! A musa da maledicencia trahe o coração do Sr. Chavagnes a cada instante.

« A côrte, longe de dar hum impulso á sociedade, he sempre triste e seria; o imperador foge da sociedade, e as festas da côrte são tão raras, que excusa fallar. A etiqueta, de resto, he assaz extravagante. Assentou-se por muito tempo que as irmãs do imperador não podião dançar senão com senhoras. Foi o Sr. principe de Joinville que, o primeiro, fez infringir esta prescripção rigorosa. Espero que a presença de uma jovem imperatriz, habituada aos prazeres de hum côrte mais alegre, terá introduzido hum mutação feliz na vida monotonica dos cortezaes que circundão o imperador. »

Côrte triste, seria, impulso á sociedade! Sobrano que foge da gente, festas raras, etiqueta extravagante, o que quer dizer toda esta desrespeitosa michordia narrada por hum homem destituido de bom senso? Alguem eriminou os usos da côrte e casa do fallecido rei da Prussia! De certo que he extravagante etiqueta a extrema bondade e facilidade com que S. Magestade se digna receber alguns forasteiros, para em cambio de sua benevolencia receber o paiz todos estes apodos. Se ha côrte no mundo de hum mais facil accesso he a do Brasil; só pôdem achar nella huma extravagante etiqueta os Francezes que frequentaram as scenas, ou forão protogonistas dos *Mysterios de Paris*, como lhes chama o romanceiro. Em quanto as nossas Princezas dançarem com senhoras, he huma grande falsidade. O principe de Joinville he huma pessoa mui delicada, e todo o mundo sabe que elle não seria capaz de inverter a ordem das cousas na casa de seu augusto cunhado, nem de propor mudanças que lhe não fossem proficuas. Antes de vir a primeira vez ao Brasil o principe de

Joinville, além de não poucos Brasileiros de distincção terem tido a honra de dançar com as nossas princezas, não ha nesta cõrte quem ignore que com ellas dançaram o principe de Orange, lord Elphinstone, officiaes de marinha estrangeiros, muitos diplomatas e pessoas notaveis. E, se algumas vezes as nossas princezas tem dançado com senhoras, isso nasceo da vontade dellas mesmas; no que não ha motivo algum de huma critica justa. Os gabinetes de physica e chimica, o observatorio astronomico, o museo de historia natural e de antiguidades, a galeria de quadros, a bibliotheca, o character academico do paço imperial, seu livre accesso, a liberdade de que se goza nos seus sarãos, nada disto he devido á intelligencia estrangeira, tudo he obra nacional.

« Para o forasteiro que não reside, o Rio de Janeiro he huma das mais tristes moradas ».

Nós percorremos os mais bellos paizes da Europa, achamo-nos sempre isolados e tristes em todas as capitaes, excepto Paris, e ninguém nos veio agarrar no meio da rua, só por sermos forasteiro, para nos franquear sua casa e participar dos divertimentos particulares. A nossa algebeira dava-nos livre accesso aos divertimentos publicos, onde vagavamos como hum solitario; para sermos introduzidos na sociedade particular era mister recommendações; e nunca nos queixamos de passar huma noite inteira, n'hum baile da mais alta etiqueta, sem dançar, porque sabiamos que era preciso huma apresentação ás familias em particular. Na Italia e Inglaterra ha este uso, e os usos das nações devem ser respeitados: nenhum povo estabelece como base social huma convenção qualquer sem que tenha huma razão fundada na experiencia, ou nos seus principios de moral eterna. As pessoas que recebem estrangeiros em sua casa, na Europa, são as que estão na mesma categoria que as que entre nós tambem o fazem, e onde foi tratado o Sr. Chavagnes, assim como todos os mais estranhos, com a benevolencia que confessa.

« As mulheres estão apenas vestidas no interior de suas casas; toda visita he hum embaraço para ellas. Demais o ciúme dos homens vos afugenta, e as mulheres não são livres de vos acolher como o desejam. »

Deverão as mulheres no Brasil serem como bonecas de cera dos cabellereiros que se enfeitam para se exporem, ou rodarem n'hum pião dia e noite, e serem vistas de todos os passantes! E o que he no interior de sua casa uma senhora franceza antes do meio dia! antes que toda a gordura postiça seja desengavetada, que os dentes e marrafas sejam collocados, e que se prepare para receber, conforme o estylo do paiz, as visitas? No Brasil pergunta-se pelo dono da casa, e em França

pela senhora. Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso. Em quanto aos zelos dos Brasileiros nada vemos mais do que huma mentira; aqui não ha essa quasi geral indifferença entre marido e mulher, como na França, a ponto tal, que cada hum viaja separadamente. A união e commercio das familias entre nós he tudo o que póde haver de mais sublime.

« Não he senão em alguns bailes que podeis observar as Brasileiras; ellas apparecem cobertas das mais ricas joias, mas os bellos estofos não suprem o defeito de graça, e este luxo de máo gosto não faz mais do que huma surpresa desagradavel. Fóra das occasiões solemnes as mulheres quasi nunca sahem senão para irem á igreja: por isso não tem ellas nem a ligeireza nem a agilidade das hespanholas, e parecem encommoçadas nas suas vestes de aparato. »

Emquanto a hum luxo carregado, tem o Sr. Chavagnes muita razão; mas esse defeito he inherente a todos os povos dos paizes que começam, e huma tendencia dos habitantes dos paizes quentes. Mas todo esse luxo de máo gosto que observou o Sr. Chavagnes he obra de suas compatriotas; ás Brasileiras seguem as modas de França. As nossas mulheres são quasi todas as que criam os seus filhos, e todo o homem pensador sabe o quanto este exercicio maternal estraga os encantos do bello sexo. Huma Brasileira não he capaz de desligar-se de seu filho e entregal-o a huma mulher do campo para creal-o; ella prevê essa serie de catastrophes que diariamente acontecem em França, onde até tem acontecido casos estranhos com trocas de meninos. Huma mãe Brasileira não he capaz de aconselhar á sua filha que não crie os seus filhos, para não perder a belleza. A escravidão que tanto despoetisa a nossa vida no Brasil he a causa das senhoras sahirem pouco. As senhoras francezas que cuidão da sua casa tambem sahem pouco, e as mulheres que inundam as ruas de Paris não são todas senhoras. Diz mais o nosso viajante que as senhoras Brasileiras são todas gordas, pequenas, de bonitos olhos pretos, com huma pelle mais cõr de cobre do que trigueira, espessos cabellos d'ebano. Diz mais que apenas haverá no Rio de Janeiro quatro ou cinco senhoras que se possam citar por sua belleza: todos as outras não tem nem attractivos, nem seducção. Se hum especulador de Paris trouxesse para aqui hum dos muitissimos armazens que lá vimos, onde publicamente estão estendidas nas vidraças pernas e ancas postiças, seios, &c., &c., faria bancarrota no primeiro mez. O Sr. Chavagnes frequentou alguma sociedade de Hotentotes, desconhecida de nós outros; porque fóra della ha muitas Brasileiras bemfeitas, engraçadas e bellas.

« A impudencia do seu olhar, o cynismo de sua conversação inspiram quasi sempre huma invenci-

vel repulsa. No Brasil as mulheres vegetam em hum tal estado de inferioridade, que se he forçado a deixal-as no seu isolamento. A ignorancia e o amor proprio dos habitantes do Rio não torna infelizmente a sociedade dos homens mais agradável do que as das mulheres. »

Sobre o caracter physico e moral das Brasileiras faz-nos o Sr. Chavagnes lembrar hum dos seus compatriotas que indo a Hollanda, e parando tres dias em Antuerpia, escreveu pouco mais ou menos o seguinte: *Em Antuerpia chove continuamente. Tinha lá ficado tres dias. Os unicos monumentos dignos de attenção he a Sé! e a unica casa magestosa o hotel de Santo Antonio. Morava nelle, e a Sé estava defronte. A unica praça he a Praça Verde, o mais, excepto a fortaleza nada ha de notavel. A praça estava fronteira ao hotel, e separava-o da Sé. A fortaleza fallou nella sem a ver, mas por lhe constar, e ter feito tanto barulho na Europa o seu assedio. As mulheres tem todas os cabellos vermelhos, e são de hum caracter irritavel: As margens do Escalda não tem outra cousa mais do que moinhos de vento. Havia na casa huma moça de cabellos fortemente ruivos, e duas primas que lá se achavam de visita tambem os tinham da mesma côr. Estas moças brigaram, e o nosso viajante veio, depois de ir pelo rio a Flessing com máo tempo, dizer em Paris, que só vira moinhos de vento.*

Talvez não haja no mundo, proporcionalmente huma cidade onde haja tantos pianos como o Rio de Janeiro: he raro huma pequena reunião onde se não encontrem homens que fallem ao menos francez, e que já não tenham estudado na Europa. A senhora Franceza que sabe o inglez ou o italiano he huma senhora bem educada, e de primeira ordem; entre nós he hoje rara a menina ou donzella que não saiba o francez.

Em todas as grandes cidades ha certas familias folgazans e garridas, a cujas casas são logo admittidos facilmente os forasteiros e novatos. De ordinario, essas familias não passam pelas mais castas da terra, nem gosam da consideração e respeito das outras familias. Certamente o Sr. Chavagnes foi foi admittido a alguma reunião, como novato, em taes casas, onde as senhoras honestas desdenham entrar; e do olhar e gestos lascivos dessa gente, e da sua conversação desregrada e solta tirou a conclusão illogica de que todas as Brasileiras não tinham pudor. Ou então frequentou baicas ainda peores, onde encontrou esses rostos côr de cobre que tão palidamente dá os senhoras do Brasil.

Se ha olhos formosos no mundo são os das Brasileiras; as suas mãos podem geralmente servir de modelo pela morbidez e perfeição das fórmãs; e a sua graça tem muito da simplicidade das estatuas antigas. Mas isto seria bom para a penna do rei dos viajantes, para M. de Chateaubriand, para hum desses francezes que faz a França que adora-

mos, e não hum presumçoso mal educado, que só sabe destruir. Ouçamos mais estas contradicções.

« Está-se reduzido a passeios solitarios, que graças a admiravel situação da cidade, offerecem poderosas distracções; e si se quer gozar dos prazeres sociaes aos enviados das potencias estrangeiras he que se devem pedir. Ahi encontrareis de vez em quando, nas suas sallas, o amavel abandono, o encanto e a elegancia das reuniões europeas. Avisinhados de alguma sorte por hum commum exilio, os estrangeiros entretem convosco tão agradaveis relações quanto benevolentes: por minha conta não posso louvar-me dessas cordiaes relações. »

« Para vencer a tristeza que assalta ao estrangeiro logo nos primeiros dias de sua chegada, basta o admiravel clima do Brasil e a belleza das paisagens que se offerecem de todas as partes em derredor do Rio. »

Para M. Debret os passeios solitarios formavam o encanto da sua vida, no Brasil; para M. Chavagnes toda esta pompa da natureza não he mais que hum contrapezo de sua melancolia particular. O corpo diplomatico, he verdade que nas grandes capitães dá hum impulso a sociedade com suas recepções, serões e sarãos; mas aqui no Brasil não apresenta superioridade alguma sobre as partidas e bailes dos Brasileiros. Na Europa só frequentam a sociedade diplomatica as principaes pessoas do paiz, o grande numero de convidados he todo de estrangeiros, quer da nação do diplomata, quer das outras nações, apreseatados pelas diferentes legações.

De certo que o Sr. Chavagnes não soube que hum certo figurão, diplomata, dando hum baile extraordinario illuminou a maior parte de sua festa com azeite de peixe sem ser purificado, e que as familias do paiz quasi que ficaram asphixiadas com o terrivel cheiro de semelhante oleo! Como destas, meu senhor Chavagnes, conhecemos hum centq, mas huma andorinha não faz verão.

« A cidade tem poucos monumentos; o palacio do imperador, ainda por acabar, he hum grande edificio quadrado sem architectura; as igrejas, as diferentes fabricas que pertencem ao governo são de huma construcção solida, mas sem graça. A unica construcção notavel he o aqueducto que conduz as aguas do Corcoval (Corcovado) no interior da cidade. Este aqueducto, construido pelos Portuguezes com a renda das minas, completou-se em 1740. A principal rua da cidade he a rua do Ouvidor, que acomparam com a rua Vivienne. Na verdade se encontram algumas bonitas lojas, cuja elegancia e bom gosto contrastam com as outras da cidade pouco asseadas. »

« Grandes distancias separam a cidade dos seus arrebaldes; ruas desiguaes, mal calçadas, mal

reparadas tornam difficeis as communicações entre os differentes pontos. Considerava hum verdadeiro soffrimento o ir n'huma má sege até San-Cristoval, (São Christovão) residência do imperador. »

Dá-se ares de ter ido á côrte, e de ter sido apresentado! Não duvido que o fosse na alguma das officinas, porque lá não ha vestigio, nem lembrança de semelhante personagem. Se lá fosse havia de fazer a sua descripçãozinha.

« Os ministros estrangeiros e todos os Brasileiros ricos habitam em lindas casas nos suburbios do Caceté, (Catete) e Botafogo. » Até agora tudo era feio; agora as casas, são lindas! E quem fez estas casas? « Está-se longe do centro dos negocios; mas o ar he tão puro, a morada dessas quintas, offerece tantos encantos que facilmente se relevam todos os mais inconvenientes. O interno da cidade tem isto de triste: ouve-se a todas as horas o canto triste e monotono dos negros de ganho. »

« Se se não pôde gozar o prazer de passear no interior da cidade, ha recompensa no encanto que offerecem as excursões no campo. Alguns gyros em roda da bahia, nos povoados que rodeiam o Rio de Janeiro, bastam para dar huma ideia da riqueza e da belleza do paiz. Por toda a parte se descobrem situações lindissimas, pontos de vista admiraveis; por toda a parte a natureza tropical vos seduz pela sua graça e vos surprehende pela sua grandeza. »

He este o mesmo homem que fundeu nesta bahia, e que viu, sem emoção o mais bello espectáculo do mundo!? Continua elle no mesmo tom fallando do jardim botanico, de sua situação, que arrouba a alma; confessa que ficou subjugado pelo encanto do aspecto da natureza do novo mundo; e continúa na sua marcha contradictoria.

« Tinha pressa de conhecer o Brasil de outra sorte que não fosse a dos contornos do Rio de Janeiro.

« Je dois rendre hommage à l'empressement que les Brésiliens mettent à faciliter aux Européens un voyage dans l'interieur de leurs provinces. Parmi les obstacles de toute nature que présente une paisible excursion, il serait injuste de comploter la mauvaie volonté des habitants. On me remit des lettres d'introduction pour les propriétaires dont les habitations se trouvaient sur ma route. L'Empereur m'accorda, sur la demande de notre chargé d'affaires, un passeport imperial qui m'assurerait la protection et l'appui de toutes les autorités du pays. »

Nada quizemos alterar do texto por huma traducção, segundo nossas forças, para que se veja em que contradicções cahê o Sr. Chavagnes a cada passo: e depois deste trecho diz que os Brasileiros todos que tinha consultado o procuravam dissuadir de emprender huma viagem que elles olhavam como impossivel! Ir a Ouro preto! Mas que a sua resolução huma vez conhecida, esses mesmos lhe facilitaram os meios. O que he hum

passaporte imperial? He a mesma triste mania do famoso Jacquemont, que se dava huma importância extraordinaria nas suas cartas. Deos dê saude e prosperidade a quem tão bem o informou sobre o Brasil.

Continua queixando-se de todos os embarços e faltas de commodos que tambem encontramos em nossas viagens, gaba a intelligencia do seu camarada e descreve a sua tropa de animaes de carga: tudo isto n'hum homem de imaginação produziria mui bellas paginas. Si o desejo de alguns Srs. Francezes se realisasse a terra se converteria em huma scena uniforme, e todos os povos deviam começar por onde a França acaba: os Inglezes que estão muito acima dos Francezes em superioridades de commodos, sabem perfeitamente que fóra de Inglaterra não ha outra Inglaterra.

Embarcou-se para o porto da Estrella, e pela primeira vez, diz elle, que duvidou que lhe fosse possivel tocar ao fim, porque as estradas são pouco seguras, e hum viajor pôde ser assassinado impunemente em hum paiz aonde não ha justiça. A companhia do Gongo entrega o seu ouro a quatro homens estrangeiros, e que as vezes vem pela estrada não muito firmes nos pés, e contudo nunca foi roubada. As vinganças que apparecem no interior são filhas de outras consequencias. No Brasil não se morre de fome, não falta o trabalho, e nem se organisam essas terribes companhias dos paizes civilisados. Chega ao Porto da Estrella e continua.

« Passei a noite em casa de hum negociante velho, que possui a mais bella casa no Porto da Estrella, a unica que tem dous andares. Não pude deitar-me antes de ouvir suas historias sobre os viajores mais ou menos illustres que se tinham deitado na cama que eu hia occupar. O meu hospede tinha perto de sessenta annos, confundia frequentemente os nomes. Perguntava-lhe em vão sobre alguns pormenores dos arredores, e elle voltava sempre ao seu sujeito favorito: teria mais prazer em ouvir menos recordações e ter huma ceia hum pouco melhor. Mais de huma vez amaldiçoei a hospitalidade que os Brasileiros vos dão tão generosamente. Não estaes, he verdade, exposto a intemperie das estações, mas deveis-vos submeter a formalidades sempre desagradaveis; deveis conversar ou escutar quando quereis repouso e somno. Importunado de questões sobre o fim da vossa viagem, sobre a opinião que fazeis do Brasil, sois forçado a fallar a lingua portugueza tão dura e tão gutural. A hospitalidade torna-se hum encommodo, e frequentemente troca-se a liberdade por hum bem estar duvidoso; a mais pequena estalagem das nossas aldeias offerece mais recursos que a moradia de hum rico Brasileiro vivendo no meio de seus escravos e de seus rebanhos. »

O coração do Sr. Chavagnes se acha pintado em todo este trecho de seu artigo! Pobre negociante do Porto da Estrella, pobre familia que se cançou em preparar huma má ceia, e por tão caro preço, ao Sr. Chavagnes. Que ingrato coração que amaldiçoa a hospitalidade, e converte a corte que lhe vem fazer hum nobre proprietario n'hum quadro de enjôo. Qual he o paiz do mundo que apresente huma estalagem mais commoda do que a nossa hospitalidade: onde ha na França hum lugar em que se viaja comendo, bebendo, e sustentando os animaes de graça como no interior do Brasil! Onde se acha hum hospede que peça perdão ao viajor do máo trato que recebeu em sua casa, e que venha elle acompanhá-lo a huma tão grande distancia fóra de suas terras?

E que máo trato! Cama com roupa alvissima e cheirosa, meza esplendida e farta! Oh meu Deos, para que conservas os malvados ingratos?! Acha a lingua portugueza dura e gutural! Hum Italiano não he capaz de dizer semelhante estultice, elle que falla a lingua mais melodiosa do mundo: a lingua do Camões, na boca do Sr. Chavagnes, devia de certo parecer dura e gutural, nada ha de mais duro e gutural do que a pronuncia parisiense quando pronuncia os *r*, *r*, ou dos Francezes que fallam com o mesmo defeito.

M. de Saint-Hilaire diz o seguinte nas suas viagens Tom. I pag. 85 84. « O Sr. Hdefonso nos apresentou em casa de hum proprietario que elle conhecia; mas tivemos huma receção tão fria, que exprihi ao meu companheiro de viagem o desejo de retirar-me para o rancho. O Sr. Hdefonso disse-me que queria huma explicação franca com o nosso hospede; voltou logo assegurando-me que podiamos contar actualmente com hum acolho, e effectivamente fomos tratados, durante o resto do dia, da maneira a mais bella possível. Alguns annos antes, hum habitante daquelle cantão tinha recebido em sua casa hum estrangeiro que, voltando para a Europa, o tinha tornado ridiculo na relação do sua viagem; o nosso hospede temia que sendo igualmente estrangeiros nos não conduzissemos da mesma maneira para com elle, e não pôde dissimular a desconfiança que lhes inspiravamos. He assim que o viajor honesto frequentemente soffre o castigo das malversações daquelles que o precederam, e talvez evite-se hoje os estrangeiros em paizes tão gabados outr'ora pela sua hospitalidade. »

Em 1816 fallava assim hum dos mais circunspectos e sabios viajantes da França; o que dirá hoje hum homem de bem que vier ao Brasil com o fôto de alguma nobre especulação? Quem poz em desconfiança esse nobre cultivador senão algum homem da raça de Jacquemont e de Chavagnes. He huma lei sagrada, entre nós, de não negar a hospitalidade jámais; mas quando ella he dada a

ingratos e malvados, quasi que o coração se conspira contra hum dever tão santo, quanto mal recompensado.

Sobre as nossas estradas, o que diz o Sr. Chavagnes, he huma pura verdade; hoje que se trabalha com affinco nesse grande elemento de civilisação, podemos affiançar que vimos grandes pedaços de estradas nesta provincia, ultimamente construidos, como os bons da Europa; e que em França atravessamos departamentos em 1855 que tinham estradas feitas pelo correr das aguas e os sulcos dos carros; mas em abono da verdade diremos tambem que em 1856 passando pelos mesmos lugares ás achamos feitas a novo, e quasi se aproximando as da Lombardia, Hollanda ou Inglaterra. No tempo de Henrique IV havia quartieirões em Paris que nos dias chuvosos obrigavam os habitantes a andarem com perñas de páo, ou andas; e antes de se fazerem nessa grande cidade passeios para os peões nas ruas, já no Brasil elles existiam e mui bem feitos, como se vê em Porto Alegre. A nova estrada da Serra da Estrella he huma obra mui bem traçada e executada, segundo a opinião dos entendedores, e se o Sr. Chavagnes soubesse quem fez esses trabalhos preliminares havia de certo mudar de linguagem.

Sobre o que diz do atraso da agricultura, dos côrtes das matas ou rossados para plantações he tudo verdade; e não ha Brasileiro sensato que o não pense: pertence ao nosso governo tomar quanto antes medidas energicas sobre hum objecto de tanta monta.

Descreve o nosso viajante huma parte de sua viagem com seu singular talento, principalmente huma dissertação que faz sobre a maneira de construir as estradas, e dos trabalhos necessarios antes de as começar, que he huma maravilha; e dando como descoberta sua que a polvora que se fabrica na Estrella he fraquissima, queixa-se que o governo do Brasil não favoreça a venda da polvora: descreve, como pôde, algumas paisagens, para no Padre *Corréo* (por não ser gutural) em huma venda afamada, que foi cousa difficil a seu jantar, e que só no fim de tres longas horas poderam-lhe servir huma galinha cozida, e arroz com agua. »

Na nossa ultima viagem ao norte da França encontramos muitas casas com a tabella de estalagens, sem haver nada para comer, e algumas vezes esperamos mais de tres horas para obter huma comida muito mal feita, pouco asseada e carissima. Tambem por lá más fadas há.

« Os Brasileiros antes querem morrer do que andar depressa. A reclusão voluntaria ou forçada das mulheres vos força a esperar com paciencia os máos pratos que se dignarem enviar-vos. Hum estrangeiro não penetra jámais no interior das casas; a cosinha he o asylo inviolavel das Brasileiras, alli, vestidas com huma camisa, algumas vezes

com huma saia, presidem ao trabalhos da casa; dando ordens ás i.e.gras, ou vigiando a preparação da comida. Nunca pude pêntrar naquelle recinto sagrado; com tudo huma porta meia aberta pela curiosidade deo lugar a assegurar-me mais de huma vez da porcaria que reina naquelle interior. Os pratos indigenas correspondem a estas tristes apparencias. Os Brasileiros comem carne salgada, ordinariamente fetida, feijão preto com farinha de mandioca e de milho.»

Este trecho he mui curioso pelo papel de espia que representa o Sr. Chavagnes; hum homem bem educado não anda apalpando portas e espiando o interior das casas. Nós vimos, em França, em pleno dia, scenas que se não podem escrever; ellas eram hum contraste da innocencia dos camponeses; quanto a asseio, já estivemos em huma estalagem que entregava os pratos que sabiam da meza a huns quatro cães que os lambiam, e a creada, toda de rendinhas no exterior passava-lhe hum panno côr de chocolate e os mandava para a meza. O Dr. Braille, grego de nação, nos fez testemunhar essa scena na antiga Antissiodorum, na immunda Auxerre, onde repousa o avarento preceptor de Henrique III e Carlos IX. Se as Brasileiras habitam nas cosinhas, tambem poderíamos affirmar que em quasi toda a França não ha outra sala mais nobre e de maior frequencia do que a cosinha: mas segue-se dahi, que por encontrarmos nas estalagens sempre a dona da casa na cosinha, ou que de noite, no tempo frio se vão aquecer no fogão, seja a cosinha a morada eterna das Francezas?! Admira-me que o Sr. Chavagnes não se conspirasse contra o uso que temos de lavar os pés todas as noites, porque na sua terra não he cousa usada, e isso devia incomodal-o assaz, e muito mais do que as questões que se lhe faziam. E que questões, meu Deos, tivemos nós em França, que perguntas imbecis a toda a hora?

Continúa a sua viagem, passa o Parahyba e o Parahybuna, passando de observador a politico, falla na maioridade do Sr. D. Pedro II, e discorre com falsas ideias sobre este ponto saliente da historia contemporanea. A historia da revolução de Minas he huma michordia de sua composição onde lá de de vez em quando appareceo hum lampo de verdade e de precisão em factos: falla do senador José Feliciano e diz que o Sr. Jacintho da Veiga era o unico que queria resistir. Todo este mixtiflorio de disparates tem por fim provar que o Brasil aspira a formar huma republica modelada sobre a dos Estados Unidos e que este he o sonho apoz do qual se marcha, &., &. Seria necessario escrever hum volume para refutar tantos absurdos e réstaurar a verdade. A clemencia imperial baixou sobre os homens, sua mão poderosa os purificou, e devem ser sepultados n'hum silencio eterno essas tristes recordações dos nossos dias.

Diz mais o Sr. Chavagnes:

« O odio para com os estrangeiros tem mais poder sobre os Brasileiros que todos os principios politicos. Não podem ainda comprehender huma pratica seria e elevada das suas instituições. As provincias estão quietas hoje; mas tudo induz a crer que crises semelhantes á insurreição de 1842 se hão de renovar frequentemente.»

O odio dos Brasileiros para com os estrangeiros he huma calúnia atroz, e que doe no fundo d'alma. Esta asserção como as outras nos hão de fazer muito mal, principalmente para a colonisação. Alguns folhetos escriptos na Allemanha nos tem feito hum mal grandissimo! E por quem são escriptos, meu Deos, por hum homem que come do dinheiro do Brasil, que he seu empregado, e este homem he hum estrangeiro. Digam o que quizer: não ha ninguem que ame sua mãe como o bom filho. A França dos fins do seculo passado até hoje, apesar de sua grande illustração, não tem feito mais que laborar, atravez de tantas revoluções, de tantos contrastes de ideias, se não em busca de hum systema que possa ser comprehendido e posto em pratica: hum homem de genio de 1850 para cá labora com huma firmeza desusada, mas toda a França terá comprehendido o seu systema?

Em quanto á sua profecia, Deos permita que nunca mais se realise: a paz he o maior de todos os bens, a mina mais abundante da prosperidade das nações.

Em quanto á vida nomada dos Brasileiros, á semelhança dos Arabes do deserto, e que o Sr. Chavagnes affirma ser a dos mais ricos cultivadores do Brasil, não he se não huma demonstração de sua sagacidade. A pintura dos fazendeiros he cruelissima e capaz de os fazer fechar as portas a todos os estrangeiros que viajam. Mr. de Saint Hilaire diz, Tom. 3.º pag. 39. « *Le lendemain de mon arrivée à Tijuco, je reçus la visite des personnes les plus distinguées du pays, et je ne tardais pas à les aller voir à mon tour. L'usage vent que lors qu'un étranger connu s'arrête dans quelque ville, les principaux habitants s'empressent de le visiter; et c'est ce qui m'était arrivé à Villa Rica, Villa do Principe, et dans plusieurs villages. Cette coutume, fondée sur un sentiment de bienveillance, a pour le voyageur l'avantage de lui faire connaître dès les premiers momens de son arrivée les hommes qui peuvent le plus facilement lui rendre des services; mais, lors que je suis parti du Brésil, les habitants de plusieurs villes avaient déjà, si je ne me trompe, renoncé à l'usage dont il l'agit, offensés par la negligence et le grossier dédain de quelques étrangers qui n'avaient point répondu à leurs avances.* »

As palavras que o Sr. Chavagnes põe na bocca do irmão do illustre Evaristo Ferreira da Veiga,

nos parecem gratuitas, ou mal interpretadas. Algumas notas estatísticas mais ou menos exactas sobre a provincia de Minas e sobre o paiz, formam algumas paginas da primeira parte desta horrenda diatribe contra os Brasileiros, que tanto mal nos ha de fazer, pois he escripta em hum dos mais lidos periodicos da Europa. Nós louvamos muito os esforços que alguns compatriotas do Sr. Chavagnes tem feito para desfazer a impressão desagradavel que causou semelhante escripto, e esperamos d'ora em diante que seus compatriotas, mais bem informados, nos façam mais justiça. Ha muitas verdades no escripto do Sr. Chavagnes, e ninguém ousará contestal-as; mas aquillo que revolta mais he a sua constante contradicção e o desejo de em tudo deprimir hum paiz hospitaleiro, amante dos estrangeiros e não estúpido como o pinta a ignorancia do Sr. Chavagnes, que vio huma má traducção de *Ignéz de Castro*, e ridicularisa as homenagens prestadas pelos Brasileiros ao seu augusto chefe. Este artigo que já se alonga assaz, será ainda purificado no fim de nossas observações com mais alguns factos de escriptores nacionaes. Mr. de Saint Hilaire, Ferdinand Denis e Furcy são os viajantes que disseram mais verdades; os outros que começam de Parny até Chavagnes formam o máo lado da litteratura franceza.

A segunda parte que fica para o proximo numero he ainda mais infame do que a primeira; o homem redobra no seu furor de decomposição da verdade, e leva a sua impudencia até onde ninguém se atreveria a fazel-o.

Doe muito a hum coração bem nascido ver arrastar a sua patria na lama por homens tão indignos, que querem campar de grandes idealistas. Lastimamos muito nossa fraqueza em semelhante ensejo, mas esperamos que varões mais illustrados se occupem das cousas da patria, e mandem nos proprios jornaes da França desmentir tantas falsidades e restaurar a verdade.

ARAÚJO PORTO-ALEGRE.

RESPOSTA

ao artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado -- *Do Brasil em 1844; situação moral, politica, commercial e financeira.* (*)

Não he pela primeira vez que vemos viajantes, depois de huma residencia apenas de alguns

mezes n'hum paiz, formar juizos temerarios acerca de seus costumes e instituições, como tambem do caracter de seus habitantes. Ainda que vontade nenhuma tenha de renegar a minha nacionalidade, forçoso me he confessar que a nação franceza, assim como tambem a ingleza, tem muita propensão para esta leviandade imperdoavel, que a faz emitir o seu juizo sobre cousas da maior ponderação depois de huma simples e rapida vista d'olhos. Honrada seja a Allemanha a este respeito; nunca diz nada senão depois de o ter meditado e averiguado, e sempre que o faz he com vistas profundas. Se o autor do artigo tivesse obrado com a circumspecção que caracteriza os nossos visinhos do leste, se elle tivesse considerado que sempre huma nação faz pairar sobre si o ridiculo, quando alguns de seus escriptores estonteados emittem asserções erroneas sobre cousas faceis de verificar, duvido que o autor do artigo — O Brasil em 1844 — inserido na *Revista dos Dois Mundos*, publicação tão recomendavel pelos seus nobres, esclarecidos, e mui conhecidos collaboradores, duvido, digo, que tivesse, depois de huma residencia tão pouco dilatada no paiz, não tendo tido tempo para conhecer nem a lingua, nem os habitantes, não travando amizade com algum delles, ajuizando segundo dados de pessoas tão ignorantés como elle nesta materia, duvido, repito, que, se tivesse considerado tudo isto, se atrevesse a escrever hum artigo que mostra, de hum modo tão desfavoravel, a nação brasileira á França.

Como he que o autor do artigo, no pouco tempo que gastou para explorar o Brasil, tanto a côrte como o interior, pôde examinar minuciosamente os estabelecimentos, as instituições, tudo aquillo

será attribuida a descuido na selecção das materias, quando se souber que o artigo seguinte estava em nossa mão ha muitos dias e tinhamos promettido publical-o neste numero. Outra razão ainda mais attendivel he a seguinte: o nosso prestante e erudito collega o Sr. Adet he por assim dizer o interprete dos sentimentos dos Francezes impareiaes que, tendo residido no Brasil por longo tempo, sabem quanto são falsas e odiosas as pinturas que delle fazem as Jacquemonts, os Chavagnes, e os que dictam por cá os juizos de taes embusteiros. Pedia pois a justiça que dessemos lugar a este protesto (que por tal o reputamos) feito pelo Sr. Adet contra as loucas asserções dos insolentes Chavagnes. Demais, a maneira porque o nosso collega se exprime mostra que elle teve na mente os seus patricios, e este artigo he mais dirigido aos Francezes que residem neste paiz e que maldizem delle, e aos que na Europa repetem as descompostas mentiras dos Jacquemonts e seus estimaveis informantes. A maneira porque o Sr. Adet falla de S. M. I., o que diz de alguns Brasileiros illustres, individuando cousas que todo o mundo sabe, tudo emfim faz crer que o autor teve em vista instruir e castigar aos seus patricios e dar este desmentido a familia da França maldizente.

S. N. R.

(*) Depois do artigo do nosso illustre amigo o Sr. Porto Alegre, parece que não deviamos dar lugar a outro sobre o mesmo assumpto; mas esta especie de duplicata não